



RELATOS E EXPERIÊNCIAS COM ALUNOS DE 6º ANO DA ESCOLA ESTADUAL OVÍDIO EDGAR

Bruna Karla Otávio dos Santos¹

Gesyca Patricia da Silva Santos²

Thiago Éric Santos da Silva³

Maria Francineila Pinheiro dos Santos⁴

Eixo Temático: Educação, Sociedade e Prática Educativas.

Resumo

O presente estudo mostra as dificuldades de se desenvolver uma nova metodologia no ensino de geografia, na escola Estadual Ovídio Edgar, no Bairro Tabuleiro do Martins Maceió Alagoas. Projeto este feito, por estudantes do curso de licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL-. Uma das questões bastante destacada é a baixa-estima dos educandos durante o desenvolvimento das atividades, foi notável nas falas e, nas ações, dos mesmos quanto projeto de futuro, como também o não conhecimento das categorias geográficas, tão importantes para a aprendizagem e o ensino de geografia. Sendo a escola lugar de desenvolver a criticidade dos sujeitos, para que se tornem protagonistas em todas as suas nuances, uma vez que, a escola é para ser democrática.

Palavras- chave: Estudante – Percepção – Experiência.

Abstract

The present work is the product of developing a teaching methodology that can assist in broadening students' educational. It was performed with students in the 6th grade of elementary school in the Ovid Edgar State School, located in the district of the Tabuleiro dos Martins, in the city of Maceió / AL. The aim was to lead students to realize through the mind maps the landscape and the place from the school district. In this context, the perceptions of lived space are expressed in spatial representations that allow learners to build their own reference, able to recognize their place as it presents. The recognition of the place and interpretation of landscape creates a possibility for subjects' autonomy regarding the critical capacity expansion in contemporary society. Therefore, desiring a school of wide horizon.

Key-Words: Student. Perceptions. Experience.

Introdução

O texto em questão é fruto de pesquisa desenvolvido por alunos da Universidade Federal de Alagoas – UFAL –, o mesmo trás consigo relatos e experiências dos pesquisadores que desenvolveram determinado projeto para introduzir nova metodologia de ensino, que teve como principal aporte metodológico os mapas mentais para contextualização do ensino e as categorias geográficas de paisagem e lugar. Apresentando discussões resultantes de leituras bibliográficas acerca do ensino democrático e os mapas mentais como aporte metodológico. Enfatizando o ensino de geografia na perspectiva de desenvolvimento da capacidade critica do sujeito e, como estes visam o ensino, como também, sobre o que compreendem das categorias geográficas. A turma em questão são alunos do 6º ano do ensino fundamental da escola Estadual Ovídio Edgar. Deste modo os relatórios desenvolvidos com base na pesquisa de campo. Consubstanciado nas observações geraram relatórios parciais desenvolvidos com base nas atividades da pesquisa, onde estes oportunizaram a articulação com os aportes teóricos. Tivemos pontos positivos e pontos negativos no decorrer do projeto, sendo estes que iremos destacar neste texto.

Metodologia

O trabalho desenvolveu-se a partir do incremento duma metodologia que tornasse maior a participação do educando em sala, que os tornasse de fato sujeito social, agente de transformação, quanto ao reconhecimento do espaço de vivencia, através dos mapas mentais como aporte metodológico. O referencial teórico que se tomou como base para o desenvolvimento do texto versou especificamente sobre o objeto mapa mental como forma de reconhecimento e, seu uso no ensino de Geografia no processo de ensino-aprendizagem na Escola Estadual Ovídio Edgar. As observações realizadas semanalmente durante as aulas de Geografia as quais nos foram permitidas através da direção da escola que concordou este projeto, por ser inovador e permitir autonomia a cada sujeito estudante. O estudo serviu para que conhecêssemos melhor a estes estudantes, e como teríamos que trabalhar o desenvolvimento do projeto, por estar voltado inteiramente para análise da realidade tal qual se apresenta aos educandos, como também a visão do mesmo, quanto a uma nova metodologia, que os tirou do ato da simples reprodução. Sendo as experiências vividas na escola durante o período de observação e desenvolvimento do projeto que oportunizaram-nos o desenvolvimento deste texto, pois foi mediante essas observações que conseguimos trazer para nossos debates, dentro e fora das reuniões uma discussão mais ampliada sobre o ensino de geografia e, de que forma os educandos viam este processo.

Os problemas para um ensino de qualidade

É importante ressaltarmos que os problemas, iniciaram-se pelo ano letivo, que durante o primeiro semestre de 2012, foi interrompido nas escolas estaduais de Alagoas devido o processo de reforma, que em algumas escola levou mais de 10 meses, o que deveria ter levado apenas 3, ocasionando atraso no ano letivo corrente, que na Escola Ovídio Edgar, teve seu inicio no mês de Janeiro de 2012, reiniciado no mês de Maio do corrente ano, mas, não com o funcionamento completo.

O problema ocasionado no projeto é que o cronograma teve de ser alterado para se adaptar ao calendário escolar, uma vez que, as avaliações e o final do segundo semestre sofreu adaptações para suprir os dias de feriado do carnaval, sabemos que o ano letivo 2012 teve termino em 2013.

Este grande problema logo estava sendo suprido, por outro, sempre quando se é planejada alguma atividade para uma turma, vale considerar o seu conhecimento já adquirido, para que assim, se consiga nortear as habilidades que tal turma deverá encontrar. Não foi diferente na turma em questão (6º ano C) que segundo avaliações anteriores foi notável, a pequena quantidade de conhecimento que eram detentores não apenas de conhecimentos geográficos, mas de conhecimentos básicos de português e matemática, habilidades que ajudam bastante no processo de ensino-aprendizagem de geografia.

Desejando assim, inserir o estudante no espaço social junto aos conteúdos, apresentados, que contextualizem o espaço vivido, assim se embasando da natureza e da sociedade local. Defende Straforini

(2001, p. 83);

[...] não podemos mais negar a realidade ao aluno. A geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilite ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade.

Uma das questões bastante destacada é a baixa-estima dos educando durante o desenvolvimento das atividades do projeto, foi notável nas falas e nas ações dos alunos, ou seja, não há por parte deles um planejamento de vida, ou até mesmo, um desejo de sucesso, seja como cidadão ou até mesmo um sucesso como aluno, há ainda uma ideia de que o que importa é simplesmente passar de ano, sem preocupação com o que se está aprendendo ou, até mesmo em querer aprender. É fato destacarmos que não há um projeto político pedagógico voltado para estes alunos, assim, como não tivemos acesso ao mesmo, por parte da direção que se negou, acreditamos que possa não existir.

Tal desejo de sucesso, é um reflexo da sociedade que estamos inseridos, uma dos estudantes afirmou que – é mais fácil ter as coisas sendo bandido -, claro que esta verdade faz parte da realidade de seu entorno social, sem planejamento, não haverá mudança, todos devem estar envolvidos. Desta forma o projeto levantaria uma enorme discussão e visão, quanto ao papel social da escola e, quais caminhos tomar, estando estes claros para interpretação de todos os sujeitos envolvidos neste processo educativo. Veiga (1996, p. 22) define que,

seu processo de construção aglutinará crenças, convicções, conhecimentos da comunidade escolar, do contexto social e científico, constituindo-se em compromisso político e pedagógico coletivo. Ele precisa ser concebido com base nas diferenças existentes em seus autores, sejam eles professores, equipe técnico-administrativa, pais, alunos e representantes da comunidade local. É, portanto, fruto de reflexão e investigação.

Levantamos a questão, que, o ensino básico nas séries iniciais passa por uma enorme defasagem, quais os culpados não são apenas os professores e, sim, o conjunto social, qual todos estão inseridos, sendo a família e os governos os principais responsabilizados, porém, não cabe a nós expandir este tema, por não ser o foco deste trabalho. Mas, não cabe a nós não citá-los.

Ao estarmos inserido nesta escola, nossa lente de aumento foi ampliada e, nos deparamos com a realidade de fatos já conhecida, pois não há um bom planejamento, não há uma boa arquitetura, não há boa biblioteca, e a escola não está formando cidadão, como define o Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, que destaca “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e, sua qualificação para o trabalho”.

Durantes os dois meses de pesquisa, não vimos, alteração, pois ainda há hierarquização, e, não há um conjunto social, para que seja melhorada esta educação, para que estes educandos venham de fato se tornar críticos e, cidadãos.

Para a execução das atividades foi imprescindível à produção individual de cada sujeito. Esta problemática influenciou no projeto, certamente que esse foi um dos objetivos, sair da simples reprodução e atuar na produção, contudo, o aluno para produzir tem que está acima de qualquer coisa estimulado e, tal estímulo não depende exclusivamente da metodologia ou, da didática utilizada, exige também do querer do aluno que por muitas vezes só não está desestimulado, mas também determinado a não aprender e, não participar.

Como não havia nenhum projeto político pedagógico para nos respaldarmos, quanto ao desenvolvimento

da metodologia foi necessário analisar o contexto externo, fizemos uma identificação rápida sobre o meio social que a escola está inserida, assim concordamos com Veiga 1996, p. 22, que destaca, “para fazer análise do contexto externo, é necessário identificar os principais participantes que interagem com a escola e analisar as influências das dimensões geográficas, políticas, econômicas e culturais”.

O que se pode ver, foi que os alunos de forma geral, estão muito mais preocupados com a aparência devido a invasão capitalista, tal qual a moda, que a elas trás status, como: a camisa Adidas; o tênis Nike; a bermuda da Ciclone de veludo; o boné da Smolder. Ficando crivo que a função social da escola não existe de forma pratica. Souza 2005, p. 2. Define que:

Um dos elementos definidores da função social da escola é garantia da formação de homens e mulheres capazes de exercer plenamente sua cidadania. A cidadania, em um contexto em que impera a exclusão de práticas sociais já consolidadas, deve ser entendida, necessariamente, como a capacidade de se compreender o caráter histórico da realidade, localizando-se nela, sendo capaz de explicá-la e de agir sobre ela de forma consciente e autônoma, de modo a garantir a produção da vida de forma digna, bem como o acesso as demais práticas sociais e atuando no sentido da superação da exclusão social e educacional.

A geografia, essencialmente, deve adequar à edificação de conceitos que possibilite ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade. Os mapas mentais inseridos no ensino de Geografia contribuíram para que os alunos entendessem com mais facilidade as transformações do espaço geográfico em que estão inseridos.

Assim, foi de suma importância que fosse estudado as categorias geográficas, de lugar e paisagem, tendo como pressuposto, o vivenciado pelo aluno em seu cotidiano, para que o mesmo tivesse a oportunidade de entender, iniciado como sua casa, seu bairro. Nesta perspectiva Tuan (1983), define lugar como “íntimo”, onde as pessoas se integram, têm significados, afetividade e emoção.

Resultados e Discussões

Há hoje uma preocupação em se inserir cada vez mais o aluno no processo de ensino-aprendizagem e o melhor modo para fazê-lo, é fazer do aluno um discente produtor. Por isso que escolhemos os mapas mentais como aporte metodológico, que Segundo França et. al. (2011, p. 1);

O mapa mental é compreendido como uma expressão do vivido, através de uma linguagem gráfica, sendo o mesmo um trabalho técnico, uma vez que, visa comunicar a ideia que o sujeito tem de seu lugar, sendo ainda um documento que está contido na memória de cada um, representado por suas percepções. O mapa mental deve ser vislumbrado como um documento que transmite informações.

A princípio, pudemos perceber a participação do alunado na atividade, o número de aluno que não se sentiu motivado foi muito pequeno – somente os que de fato lutam para não participar de nada e encaram a escola como mera obrigação –, devido aos métodos de ensino anteriores, e que ainda estão arraigados no processo educacional, os demais participaram ativamente, mesmo reclamando de uma dificuldade para desenhar, pois no início encararam a atividade com objetivo na qualidade do desenho e não na informação que eles poderiam passar. Após a compreensão por parte dos discentes que a atividade tinha como foco as informações do caminho de casa para a escola, os mesmos demonstraram dedicação na atividade e isso refletiu na rotina da sala de aula já que a turma tem um comportamento muito ativo, isto é, inquieto e

não participativo.

Esta proposta de prática de ensino de Geografia para alunos de sexto ano se fundamenta utilizando os Mapas Mentais. Assim a avaliação no ensino, principalmente na matéria de geografia, é desenvolvido a partir do ato de decoração, através de perguntas diretas que esperam respostas prontas, transformando o aluno em mero reprojeto de ideários e, não em críticos conhecedores, pois acabam escrevendo algo que nem se quer sabem seu significado. Segundo Rabelo e Cavalcanti, (2009, p. 4), “a avaliação assume um caráter regulador [...] autoritário e desvinculado do processo de ensino-aprendizagem [...] não cabendo a ela criatividade [...]”.

Com o mapa mental, a turma pôde sentir essa mudança e responderam de forma tanto positiva, achando legal, divertido e participando ativamente da atividade, quanto de forma negativa, se bloqueando a mudança, sugerindo atividades de copiar, ou de pesquisar no livro e nesses casos foi percebido que toda essa reclamação era para não se esforçar a pensar, a produzir, a fazer, já que o hábito era simplesmente a reprodução de textos dos livros didáticos, o que faz não ter nenhuma participação direta do aluno.

Quando procuramos desenvolver este trabalho, estávamos procurando mudança, responsabilidade com o fazer geográfico, estando prontos para enfrentar os desafios, assim, dando de fato autonomia a estes sujeitos, para pensar quanto cidadãos e, transformadores de suas próprias realidades, assim, destaca Veiga (1997, p. 19), “o significado da autonomia remete-nos, para regras e orientações criadas pelos próprios sujeitos das ações educativas, sem imposições externas”. Quando destacamos que autonomia não é um valor absoluto, queremos dizer que é um valor que se determina numa relação de interação social. A utilização do mapa mental na aula de geografia trouxe, a união entre os docentes que aplicaram o projeto, a escola e os alunos. Dando a estes últimos autonomia e incentivando a participação.

Buscamos inserir não só um mapa mental como um recurso didático para chamar a atenção dos alunos e, sim o mapa mental como meio para inserir conhecimentos geográficos, isto é, um recurso para facilitar o processo de ensino-aprendizagem de categorias geográficas que nesse caso foram usadas à categoria lugar e paisagem.

A principal dificuldade observada foi à falta de associação que os alunos não faziam do lugar com características históricas, culturais, que acabam dando a este lugar significados dotado de transformações. Na criação do primeiro mapa mental os alunos demonstraram a dificuldade de reconhecer as características do seu lugar e na verdade não tinham nenhum lugar para reconhecer como seu, por não saber o que é lugar, também não lembravam ou não sabiam do que existia de história e de cultura no caminho que faziam de casa até a escola.

Outra dificuldade foi à falta de conhecimentos da categoria paisagem e isto foi verificado quando os alunos não sabiam informar o que viam de casa até a escola. Comprovando a falta de atenção, ou seja, a falta de noção de observação do próprio espaço, mas pudemos analisar, que apesar das barreiras, eles conseguiram destacar durante sua trajetória tais quais, os buracos nas ruas, a periculosidade, os pontos de droga, a falta de infraestrutura, o lixo, dentre outros.

À medida que os mapas eram produzidos os docentes buscavam nortear os alunos no que diz respeito numa orientação de observação, pois muitos diziam que não sabiam ou não lembravam para não fazer a atividade com mais detalhes, devido a falta do hábito de atividades produtivas. A escola também tem uma grande participação na melhoria das aulas, pois lá é lugar de difusão do saber, o lócus de toda a atividade. A Escola Ovídio Edgar foi a favor do desenvolvimento do projeto, disponibilizando recursos tais quais: projetor multimídia e suporte para que as atividades fossem realizadas da melhor maneira possível. Porém o poder administrativo continua centralizado.

A aula de campo trouxe para a turma um novo modo de estudar Geografia, segundo relatos dos próprios alunos a turma, nunca tinha feito uma aula de campo e isso ainda pôde ser comprovado na hora do aviso em sala de aula a respeito da mesma, e muitos alunos não sabiam o que era ou, como se estudava em

uma aula de campo.

O ensino de Geografia está mudando sensivelmente, sendo evidenciado da época de estudante até o período atual, pois aos poucos as práticas tradicionalistas voltadas ao ato de decorar e de receber informações sem que sejam processadas, está dando lugar a contextualização e a dinamicidade para que estudar geografia deixe de ser algo fado. Mas como é fato evidenciado essa mudança ocorre de forma lenta havendo muito para caminhar. Desta forma a afirmação de Kaercher valida estas concepções (2009, p. 223) para esse autor “o (...) ensino de Geografia continua desacreditado. Os alunos, no geral, não têm mais paciência para nos ouvir”.

Portanto a Geografia continua sendo vista como uma disciplina que não oferta importância social na vida dos sujeitos de transformação do espaço tal qual fazem parte essencialmente.

De acordo com Kaercher (2002, p. 49), “é preciso fazer com que (...) o aluno perceba qual a importância do espaço, na constituição de sua individualidade e da(s) sociedade(s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, país etc.)”. Nesse aspecto, há de considerar o educando e a sociedade em que vive saber sua realidade para que seja utilizada como referencia no estudo geográfico. Assim destaca Castrogiovanni e Goulart, a geografia enquanto disciplina escolar deve levar o aluno a entender a estruturação e a organização do espaço (...) é necessário (que se) desenvolvam (nos Alunos) as habilidades de localização, orientação, interpretação e representação (1990, p. 111).

Considerações finais

Este projeto desenvolvido nesta escola é apenas o começo, pois há ainda muito a discutir sobre este tema. Quanto o desenvolver da pesquisa de reconhecimento do Bairro da Escola, neste caso o Bairro Tabuleiro do Martins. Os discentes responderam de forma positiva, houve no início uma resistência por parte daqueles que não estavam habituados a pesquisa e, sim habituados a simples reprodução ou até mesmo do modo de decorar questionários para fazer avaliações. Com as atividades dentro e fora da sala de aula, foi perceptível a participação desses alunos, segundo a fala de alguns deles devido a um modo de participação mais ativa nas aulas e não ser somente o local onde se escuta e concorda com tudo que é explicado. Ativar a mente dos alunos e fazer com que estes pudessem pensar, produzir, opinar e participar de forma mais ativa das aulas foi um dos objetivos do projeto.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise**. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C. *et al* (org). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 3ª ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 2001. p. 57-63.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Ensino de Geografia: prática e textualização no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2005.

FRANÇA, Jackson Luiz de; Souza, Maria Fernanda de Oliveira. In. Colóquio Internacional de Educação na Contemporaneidade. VI, 2012, Sergipe. **O (RE)CONHECIMENTO DO VIVIDO PARA INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM DO BAIRRO TABULEIRO DO MARTINS – MACEIÓ - AL.**

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia Crítica Alguns obstáculos a superar no

ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 221-231.

KAERCHER, Nestor André. A geografia crítica – alguns obstáculos e questões a enfrentar no ensino aprendizagem de geografia. **Boletim gaúcho de geografia**. Porto Alegre: AGB, n. 28, jan./jun. 2002.

KOZEL, S. Representação e Ensino: Aguçando o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagógicos In: SERPA, A. (org) **Espaços Culturais vivências, imaginações e representações**. Salvador, EDUFBA, 2008.

RABELO, Kamila Santos de Paula; CAVALCANTI, Lana de Souza. **A avaliação da aprendizagem em geografia com base na perspectiva socioconstrutiva de ensino**. Porto Alegre: Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(3\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(3).pdf) > Acesso em 25 de Nov. 2011.

RICHTER, Denis. **Raciocínio geográfico e mapas mentais: a leitura espacial do cotidiano por alunos do Ensino Médio**. 2010, Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP - Presidente Prudente/SP.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VEIGA, I. P. A. (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: Uma construção possível**. Campinas: Papyrus, 1995.

**¹Graduanda em Geografia
Licenciatura pela Universidade
Federal de Alagoas – UFAL.**

bruna_krl@hotmail.com

**²Graduanda em Geografia
Bacharelado pela Universidade**

Federal de Alagoas – UFAL.

gesycah@yahoo.com.br

³Graduando em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

thiagoeric_@hotmail.com

⁴Professora Doutora da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

francineilap@yahoo.com.br